



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MANOEL HONORATO MARINHO

EDUCANDO A SI MESMO E CONTRA SI MESMO: REFLEXÕES SOBRE
EDUCAÇÃO E CULTURA EM NIETZSCHE

CAMPINA GRANDE – PB

2014

MANOEL HONORATO MARINHO

**EDUCANDO A SI MESMO E CONTRA SI MESMO: REFLEXÕES SOBRE
EDUCAÇÃO E CULTURA EM NIETZSCHE**

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

Campina Grande

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M337e Marinho, Manoel Honorato
Educando a si mesmo e contra si mesmo [manuscrito] :
reflexões sobre educação e cultura em Nietzsche / Manoel
Honorato Marinho. - 2014.
31 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia".

1. Educação. 2. Cultura. 3. Nietzsche. I. Título.

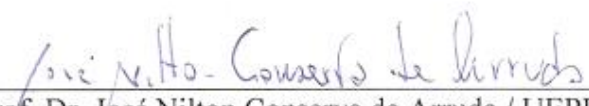
21. ed. CDD 370

MANOEL HONORATO MARINHO

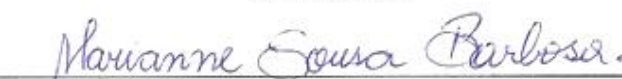
EDUCANDO A SI MESMO E CONTRA SI MESMO: REFLEXÕES SOBRE
EDUCAÇÃO E CULTURA EM NIETZSCHE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização
Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares da Universidade Estadual da
Paraíba, em convênio com Escola de Serviço
Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/07/2014


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof.ª Dra. Waltimar Batista Rodrigues Lula / UEPB
Examinadora


Prof.ª Ms. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

Campina Grande

2014

DEDICATÓRIA

Ao meu sogro, João Xavier da Silva (*in memoriam*), embora não possa partilhar desse momento conosco, tenho a plena convicção que, de onde ele estiver, também está se sentindo realizado.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro, um horizonte superior, elevado pela confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A minha esposa, Jancieiry Wilma e aos nossos filhos, João Neto e Giovanna, pelo incentivo e apoio incondicional.

A minha mãe, Maria da Salete Marinho (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

A minha sogra, Maria de Lourdes Gomes (*in memoriam*), que sempre me incentivou a continuar meus estudos.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Se quereis atingir as alturas, usais as vossas próprias pernas! Não vos deixeis *levar* para cima, não vos senteis nas costas e cabeças alheias!
(NIETZSCHE, 2005, p.339)

RESUMO

No presente trabalho, tentaremos evidenciar a concepção nietzschiana de educação e cultura e a sua crítica ao sistema educacional da Alemanha na segunda metade do século XIX, tal como foi formulada em textos da década de 1870 e justificar porque Nietzsche é um bom guia para se pensar a educação hoje. Para Nietzsche, educação e cultura são inseparáveis. Não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apoie. Segundo nosso filósofo, a educação oferecida nas escolas alemãs buscava basicamente oferecer um adestramento utilitário: capacitar funcionários para o Estado, mão de obra para o mercado e Eruditos para as Universidades, o que deu origem a uma pseudocultura, isto é, um simulacro de outras culturas. Assim, na perspectiva de Nietzsche, para que seja possível a existência de uma cultura autêntica, torna-se necessário que os indivíduos comecem a educar-se a si mesmos e contra si mesmos, ou melhor, contra a educação que lhes foi inculcada.

Palavras-chaves: Educação; Cultura; Nietzsche.

ABSTRACT

In this paper, we attempt to highlight the Nietzschean conception of education and culture and its critique of the educational system of Germany in the second half of the nineteenth century, as formulated in texts of the 1870s and justify why Nietzsche is a good guide to thinking education today. For Nietzsche, education and culture are inseparable. There is no culture without an education project, not education without a culture to support it. According to the philosopher, the education offered at German schools sought primarily offer a utility Dressage: empower employees to the state, labor market and for the Scholars for Universities, which gave rise to a pseudo, ie, a simulacrum of other cultures. Thus, from the perspective of Nietzsche, to make possible the existence of an authentic culture, it becomes necessary for individuals to begin to educate themselves and against themselves, or rather against the education that was instilled them.

Keywords: Education; culture; Nietzsche.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. A CULTURA ALEMÃ NO SÉCULO XIX.....	11
2.1 A visão de Nietzsche sobre a educação na Alemanha.....	13
2.2 Educação, Egoísmo e Racionalismo.....	15
3. UMA NOVA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO.....	18
3.1 Nietzsche e a Pedagogia Contemporânea.....	19
4. NIETZSCHE E OS IMPASSES DA NOSSA EDUCAÇÃO.....	23
4.1 Educação e Massificação.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

EDUCANDO A SI MESMO E CONTRA SI MESMO: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E CULTURA EM NIETZSCHE

1. INTRODUÇÃO

Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida – ninguém, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para o outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, deves seguir este caminho.¹

Saber o que é educação, tentar delimitar bem este conceito, é algo tão complicado quanto explicar o que é a vida. Assim, é o estudo sobre o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), conhecido como um pensador de problemas muito mais do que de soluções, uma tarefa extremamente complicada quando, de alguma forma, tentamos delimitar ou aprisionar seu pensamento em conceitos e definições pré-estabelecidas. Contudo, nada nos impede, em termos de uma discussão preliminar, de insinuar um estudo, ainda que de forma superficial, sobre a educação e a visão de Nietzsche sobre a mesma.

A escolha do tema se efetivou a partir da percepção da ausência, ou da pouca divulgação de Nietzsche nas discussões sobre a problemática do ensino, especificamente, no Brasil. Podemos constatar através da convivência com os colegas do curso de especialização e com pessoas que vivenciam o meio pedagógico e acadêmico, que Nietzsche ainda é um autor pouco conhecido nas faculdades de pedagogia. Suas ideias educacionais se encontram em segundo plano, ofuscadas pela sua reflexão sobre a metafísica, a moral, a religião etc.

Dessa forma, compreendemos ser importante lançar algumas perspectivas a respeito da visão de Nietzsche sobre a educação; já que podemos, claramente, perceber que em toda a sua obra permeia direta ou indiretamente uma grande preocupação com a formação de um outro ser humano. E, nesse sentido, a educação também lida diretamente com a vida.

Apoiando-se nas interpretações de Rosa Maria dias em sua obra: “Nietzsche Educador”, em Paulo Freire na obra: “Pedagogia da Autonomia”, em Rubem Alves na obra:

¹ NIETZSCHE, 2004, p. 141

“Por uma Educação Romântica” e, em alguns textos selecionados do próprio filósofo, tentaremos, após uma breve reflexão, evidenciar um modelo educacional que segundo Nietzsche, desenvolva as possibilidades criativas de cada indivíduo e que os capacitem para a vida. A questão que vai nortear o trabalho é: o pensamento de Nietzsche hoje, pode ser usado como um guia, um instrumento para se pensar a educação?

As abordagens apresentadas nesse trabalho estão pautadas em questões filosóficas concernentes a perspectiva de Friedrich Nietzsche sobre educação, sendo a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo-interpretativo, partindo de leituras, coletas de dados, análises, confrontos e comparações acerca do objetivo supracitado.

Segundo Scarlett Marton, a leitura dos escritos de Nietzsche sobre educação impressiona pela atualidade, pois “um leitor desatento poderia supor ter diante dos olhos um livro que acaba de ser escrito. E o mesmo poderia pensar um leitor atento – com mais razão até” (MARTON apud DIAS, 1991, p. 7) diante do diagnóstico que o filósofo faz de uma cultura decadente, carente de vida e de “unidade de estilo”.

Sabemos que nenhuma filosofia, como nenhum pensamento ou ideologia surge, por assim dizer, do nada, sem estar diretamente ligado às circunstâncias de seu aparecimento, bem como aos pontos de vista que a introduziram. Assim, falar do pensamento de Nietzsche é falar de determinados valores, decorrentes de uma dada avaliação de um tempo específico.

2. A CULTURA ALEMÃ NO SÉCULO XIX

A filosofia de Nietzsche surgiu e amadureceu em contraponto às tendências ideológicas dominantes na Europa e, em especial na Alemanha a partir da metade do Século XIX, tendências estas que são decorrentes de três importantes transformações ocorridas na Alemanha em que vivia o nosso filósofo: a primeira, a união dos Estados alemães, ao redor e sob o amparo da Prússia de Bismark, para manter essa união, a Prússia uniformiza a cultura e o ensino para suprimir as diferenças e especificidades regionais; a segunda, a rápida implementação dos setores industriais e o desenvolvimento da produção em massa, fenômeno que motivou o consumo em larga escala pelas mais amplas camadas da sociedade e que estava ligado diretamente com o ideal de bem-estar da revolução industrial (a massificação) e, a última, o levante da classe média e a educação ministrada nas instituições de ensino no Século XIX, Nietzsche acusa este ideal de educação erudita de apequenar o homem ao formá-lo apenas para servir aos interesses do Estado, da Ciência e do Mercado (educação gregária).

Segundo Nietzsche, a cultura ocidental, em todas as suas expressões, é o resultado de um processo em que um tipo de moral decadente se tornou preponderante. Assim, os ideais e valores mais cultuados pelo homem moderno, e contra os quais ele travou intenso combate, nada mais seriam do que, reflexo da moralidade ocidental.

A rebelião escrava da moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante sim a si mesma, já de início a moral escrava diz não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1998, p. 29)

Nietzsche chama de “moral” uma série de padrões que são refletidos pela cultura, que é constituída por valores multifacetados e abrangentes. Portanto, pensar os valores que compõem a moralidade de determinada sociedade é pensar os modos de vida que lhes são correlatos, pois o valor reflete a expressão dos modos de vida, ou seja, o valor moral depende dos hábitos e costumes que cada grupo vive.

No pensamento de Nietzsche, os sistemas morais se desenvolveram e se desenvolvem apenas para responder as necessidades criadas pelo homem para a sobrevivência em sociedade, não representam um valor fixo, como se acredita até hoje, e para esse fim, se organizam e são organizados pelas forças existentes nos próprios indivíduos. Portanto, são valores que têm como principal finalidade proporcionar um sentimento de segurança e paz ao grupo. Nessa perspectiva, com o tempo, a utilidade dessa moralidade pode desaparecer, mesmo que suas normas permaneçam em vigor, sustentadas pelos costumes ou leis, conservando-se como obstáculos ao cultivo de um homem superior.

No entanto, devemos atentar ao fato de que, a crítica empreendida por Nietzsche a moral, não é a moral em si, mas, a sua perigosa aclimatação, especialmente em ambientes religiosos ou democráticos nos quais, o sentimento de segurança, as conveniências e facilidades impróprias para o cultivo do *übermensch*² são largamente difundidos. Na perspectiva de Nietzsche, o Super – homem deve ser o futuro do homem que se tornou plenamente o que ele é.

No pensamento de Nietzsche, a moral do homem moderno é uma moral de rebanho, pois esta, tal como no cristianismo, busca instituir uma igualdade de condições baseada em imperativos abstratos que, no entanto, nivelam a atividade dos indivíduos, enfim, essa moral escrava é, necessariamente, uma moral da utilidade que se constitui de valores compartilhados por todos os participantes da cultura decadente. E nesse sentido, pagamos um alto preço por vivermos em sociedade, que é, segundo nosso filósofo, a perda da individualidade.

Adentrar na simbologia de Nietzsche e no jogo de suas parábolas é chamar para si o próprio pensamento e sentir o peso de sua proposta de humanidade. Se uma nova concepção do mundo é possível, ele não deixa dúvidas. Mas deixa claro que, a luta empreendida para se chegar a este ponto não é tão simples, muito menos fácil. Pois, esbarra numa tradição milenar e secular, que trata o mundo de uma forma como se o quisesse esconder. O discurso sobre o homem, sua alma e suas virtudes dado pela tradição filosófica descreve este a partir de pressupostos inadequados que falseiam a sua essência e escondem o seu ser, ou seja, o fenômeno do homem sofre uma negação segundo o discurso da tradição.

Na sua análise genealógica da moral, Nietzsche começa com a ideia de que, compreendemos pior a nós mesmos do que a qualquer outra coisa: “nós homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem

² O além-do-homem, o Super - homem nietzschiano.

motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? ” (NIETZSCHE, 2008, p. 7).

Assim, enquanto buscamos encontrar a verdade, permanecemos alheios a nós mesmos. Cegos e surdos a nossa vivência, a nossa experiência presente. Nossos conceitos e ideias morais são obscuras para nós mesmos, embora os tomemos como auto-evidentes. Albarroa-se com um acúmulo de conhecimentos de enormes proporções que ao mesmo tempo em que se enche as bibliotecas e embasa as mais variadas formas de ideologias torna o homem um estranho a si mesmo.

Para Nietzsche, a história do conhecimento humano é a história da negação da vida, é a história de uma ilusão, da construção de um modelo de homem que nunca existiu e que nunca existirá. O homem construiu uma imagem de si muito superior ao que ele consegue ser, e corre atrás dessa imagem. Partindo dessa perspectiva, podemos dizer que Nietzsche pode ser considerado como um filósofo da suspeita, pois ele, através de todas as suas provocações nos convidará a colocar sob suspeita todas as nossas crenças e convicções, os nossos preconceitos, os nossos pré-juízos, a nossa maneira de pensar, de sentir, de agir. Na verdade, ele vem pôr em dúvida todos os conceitos que norteiam a nossa conduta.

Na educação, segundo a visão de Nietzsche, a humanidade encontrou uma forma de transmitir suas verdades às gerações posteriores, suas perspectivas científicas que estão representadas em conhecimentos e também, suas perspectivas morais, valorativas. Justamente esses elementos, são os principais recursos e produtos da luta da espécie para afirmar sua vontade de poder. Também, é por meio deles que a educação promove o enquadramento dos indivíduos na civilização.

2.1 A visão de Nietzsche sobre a educação na Alemanha

Para Nietzsche, a educação de sua época esquecia a qualidade, ele acreditava que ela estava dominada por critérios quantitativos: procurava-se estender o ensino à maior quantidade de pessoas possíveis, sem se preocupar se essa educação tinha patamares de excelência. Educava-se o maior número de indivíduos possíveis, já que o mercado precisava de numerosos produtores. Todos eram adestrados em prol de objetivos pragmáticos: a produtividade, a necessidade de ter produtores bem treinados: (...) “a consequente vulgarização do ensino tinha por objetivo formar homens tanto quanto possível úteis e

rentáveis, e não personalidades harmoniosamente amadurecidas e desenvolvidas”. (DIAS, 1991, p. 16).

Nota-se que, na Alemanha, a pretensão de profissionalizar rapidamente todos os educandos obedecia a necessidades práticas, não culturais. Pensava-se apenas no mundo do trabalho, esquecia-se a formação. Assim, não era necessário formar indivíduos de cultura elevada, isso exigiria tempo, o que requer um investimento excessivo. Tratava-se apenas de, incorporar trabalhadores no sistema produtivo. Não importava a formação da personalidade. Por trás dessa ideia havia uma lógica econômica, que dominava segundo Nietzsche, a educação. Vemos assim, que fora esquecido o ideal humanista de formação integral em prol do treinamento profissional.

Segundo Scarlett Marton, Nietzsche:

[...] se empenha em denunciar a deficiência da formação desde que os colégios e as universidades se tornaram profissionalizantes. Se julga que a cultura consiste no trabalho árduo e penoso de cultivo do próprio espírito, igualmente entende que a educação tem de levar ao desenvolvimento integral e harmonioso de todas as capacidades do indivíduo. A produção cultural deve ser desligada de qualquer intenção utilitária, e a formação, desvinculada de qualquer objetivo prático. É preciso, pois, desenvolver aos estabelecimentos de ensino a vocação que lhes é própria: “fazer do homem um homem”. (MARTON apud DIAS, 1991, p.8).

Para Nietzsche, o papel fundamental de uma educação diferenciada seria o de promover o homem superior, de vontade livre e criadora. Na análise elaborada por Nietzsche em relação aos estabelecimentos de ensino de sua época, a Alemanha do Século XIX, a educação apresentava uma tendência a padronizar, ou seja, era uma educação cujas principais características estavam centradas no ajuste e na adequação dos indivíduos ao estado, aos ideais da Ciência e ao interesse dos comerciantes, isto quer dizer que todos deveriam ter o mesmo desempenho porque todos teriam a mesma base no processo pedagógico.

Toda reflexão de Nietzsche sobre educação tem como finalidade principal denunciar o fato de o saber ter-se tornado um luxo, um capital improdutivo com o qual nada se tem a fazer, e protestar contra a “formação histórica” imposta a juventude na Alemanha de Bismark (...) a educação que os jovens alemães recebem nas instituições de ensino funda-se numa concepção de cultura histórica que, retira do presente sua efetividade e desenraiza o futuro. Uma história, um pensamento que não servem para engendrar a vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana. (DIAS, 1991, p. 60).

A problemática da história para Nietzsche é a absolutização da mesma, uma vez, que esta ensinou que era preciso lembrar ao Máximo o passado. Ao contrário, Nietzsche acredita que é necessário equilibrar esquecimento e lembrança, pois o “excesso de lembrança” paralisa, anula o presente e impossibilita a criação, ou seja, o excesso de lembrança pode tornar o conhecimento uma desvantagem para a vida.

Numa das considerações intempestivas, das vantagens e desvantagens da história para a vida, Nietzsche criticará profundamente o ensino universitário da história. Ele assinala que o ensino da história, em vez de impulsionar novas experiências, diferentes formas de viver, coloca os eruditos na dependência do que já foi, do que já aconteceu. Os historiadores fazem do passado um parâmetro a ser imitado rigorosamente, desta forma, fossilizam a vida, detêm o fluxo da existência. Esse excesso de história leva à repetição mecânica, desperdiça as energias do presente, inibe a criação.

Dias diz que, Nietzsche:

Critica também os historiadores universitários, vendo neles seres empanturrados de saber, meros espectadores do passado, e não criadores de vida e cultura. Protesta contra a educação histórica com que os professores pretendiam instruir seus alunos, tornando-os, pelo acúmulo de saber, incapazes de recriar a vida a partir de suas experiências. (DIAS, 1991, p. 43).

Para Nietzsche, o objetivo dos setores que promoviam o ensino era colocar a cultura e o conhecimento em benefício próprio, o que impedia que a tarefa da educação fosse o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades do ser humano. Segundo DIAS (1991, p. 82), isso se deu por interferência dos três grandes egoísmos que ele assinalou.

2.2 Educação, egoísmo e racionalismo

Os impasses da educação apontados por Nietzsche decorrem do egoísmo associado a determinados setores da sociedade e da cultura, e a própria herança do racionalismo iluminista. Assim, ele destaca a influência do egoísmo:

a) O egoísmo das classes comerciantes, onde residia todo o relacionamento comercial, se visava unicamente o lucro, o ganho e a produção, típico do espírito do capitalismo que estava se consolidando naquela época, ou seja, quanto mais cultura, mais consumo;

b) O egoísmo do Estado, onde seu intuito era formar intelectualmente o homem para fazê-lo servir e ser útil às instituições estabelecidas. Representava o espírito público, onde tendia a introduzir em nível social, uma igualdade de fracos totalmente dominados pelas determinações de partidos, governos e, de uma forma geral, pela democracia;

c) O egoísmo da ciência, que a partir do advento da modernidade, passou a ser sinônimo do único conhecimento válido, tal qual foi deus na idade média. Assim, podemos ver a cultura apenas como o resultado do progresso científico, onde se fez da cultura um modo de ganhar dinheiro atendendo as demandas e, desconhecendo os principais valores da existência humana, entre eles, a vontade de potência humana.

Dentro deste contexto, Nietzsche constatou que o poder dinâmico inerente à humanidade foi sufocado por uma grande tradição cultural racionalista. A autonomia, de acordo com os ideais da pedagogia do iluminismo, estava pautada exclusivamente no aprimoramento da razão. No entanto, Nietzsche refutou essa ideia moderna, dizendo que a autonomia do indivíduo não se constituía apenas pela razão, mas, sobretudo, pelo crescimento da vontade de potência, pela liberdade constituída através do impulso dionisíaco e pelos dinamismos afetivo, emocional e instintivo. A educação, na perspectiva nietzschiana, seria o meio mais propício para o desdobramento das potencialidades inerentes a cada indivíduo.

A instrução guiada por questões históricas e científicas e não por um ensinamento prático, o abandono de uma educação que visasse à formação de um sentido artístico, como um acontecimento prático compreensivo, a ênfase dada à educação profissionalizante com a finalidade de criar pessoas aptas a ganhar dinheiro, tudo isso, na concepção de Nietzsche, impedia que a educação se voltasse para a cultura.

Em sua conferência “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino” (1872), Nietzsche examinou as instituições de ensino e a educação de sua época, principalmente a ministrada no *Gymnasium*³, na escola técnica e nas Universidades, e percebeu que o Estado e os negociantes foram os primeiros grandes responsáveis pelo empobrecimento da cultura, pois, dentro da perspectiva de uma formação gregária, exigiam uma formação rápida, para assim, terem a seu serviço, funcionários eficientes e estudantes dóceis, que aprendessem rapidamente ganhar dinheiro.

Nessa análise realizada por Nietzsche, duas tendências mostravam-se nefastas e dominavam o sistema educacional e os estabelecimentos de ensino alemães: a tendência de ampliação cada vez maior da cultura e a tendência à redução da cultura. A primeira tendência

³ O *Gymnasium* equivale aos antigos ginásio e colegial, hoje 5ª a 8ª series do 1º grau e 2º grau do currículo brasileiro (DIAS, 1991, p. 17).

tinha a pretensão de julgar que o direito à cultura era acessível a todos, embora fosse regulamentada pelo dogma da economia política. Foi a tentativa da universalização da cultura, de sua extensão a grupos cada vez maiores. Segundo Nietzsche, era uma visão utilitária da cultura, pois estava embasada em critérios quantitativos: procurava-se estender a educação a maior quantidade de pessoas possível, pois o mercado necessitava delas, isto é, a ideia de adquirir cultura significaria capacitar os indivíduos para ganhar dinheiro ou então ingressar nos quadros do Estado. A ampliação e o grande número de escolas serviam apenas aos interesses do Estado que vinculava, desta forma, a formação nos ginásios com a obtenção de cargos. Segundo Nietzsche:

[...] toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência. (NIETZSCHE, 2004, p.104).

A segunda tendência, a da redução da cultura, significaria o enfraquecimento da cultura a uma simples função. Para Dias, ela “pretende que os indivíduos consagrem sua vida à defesa dos interesses do Estado e exige que os seus servidores procurem uma especialização, isto é, sejam ‘fieis às pequenas coisas’ e ao Estado”. (DIAS, 1991, p. 91).

No entendimento de Nietzsche, essas duas tendências formaram um determinado público medíocre e, conseqüentemente, vulgarizaram o ensino e enfraqueceram a cultura, que teve no jornal o seu ponto de confluência. O jornalista “mestre do instante”, o “escravo dos três M”: o momento presente, as maneiras de pensar e a moda, acaba substituindo os verdadeiros mestres da cultura, dessa forma, no jornal os chamados eruditos, especialistas, conseguiram divulgar seus pretensos saberes para o público. Dias diz que:

A cultura ampliada, a cultura especializada e a cultura jornalística se completam para formar uma só e mesma incultura. (...) o jornalista escreve sobre o gênio e vem tomando seu lugar, “do guia eleito para sempre”, e lançando por terra sua obra. Mas, enquanto o jornalista vive do instante e graças ao gênio de outros homens, as grandes obras emanam do desejo de permanecer, sobrepujando o tempo por meio da força da criação. (DIAS, 1991, p. 91).

3. UMA NOVA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO

Diante de tal contexto apresentado, e na perspectiva de superar a sua época, Nietzsche pensava encontrar um filósofo educador que o ajudasse a educar a si mesmo. Pensava-se uma educação que estivesse apta para cultivar as forças geradoras da vida e de nossa individualidade, que se caracterizaria mais pelos domínios da singularização e do distanciamento proporcionados pela criação artística, do que pela pretensão da atitude calculista e cientificista de saber tudo. Quando Nietzsche apresenta a necessidade de encontrar um modelo de educador a ser seguido, está tratando de um problema que aborda a própria formação do educador, uma vez que, detecta que nas universidades alemãs havia se adotado um estilo de ensino para a consolidação da “liberdade acadêmica” que privilegiava a exposição oral do professor e a audição do aluno.

Este estilo “acroamático” de ensino é justamente o contrário do que Nietzsche entende que deva ser a educação na universidade. Segundo (DIAS, 1991, p. 100): “Ali, onde se deveria exigir do aluno um treinamento rigoroso, inventou-se a autonomia. Tal autonomia nada mais é do que a domesticação do aluno, para torná-lo uma criatura dócil e submissa aos interesses do Estado e da burguesia”. O esquema acadêmico foi tão bem estruturado pelo Estado que não permitiu ao professor sofrer por falta do que dizer em sua disciplina, pois nem o professor nem o aluno pensam por si mesmo.

Em 1865, Nietzsche descobre Arthur Schopenhauer, mais precisamente um livro seu, “O mundo como vontade e representação” e se impressiona com o estilo dele, “este não escreve à maneira dos eruditos que desconhecem o sabor das palavras, o equilíbrio das frases. [...] Schopenhauer jamais quer aparecer, pois escreve para si mesmo”. (NIETZSCHE, 2004, p.147).

Nietzsche encontrou em Schopenhauer uma grande influência para a sua crítica à filosofia universitária no âmbito da cultura histórica e científica. Pois, para Schopenhauer, por exemplo, não existiam filósofos nas universidades, mas ao contrário, professores que viviam da filosofia, interessados em pensar no que seus interesses materiais exigiam e no que convinha ao estado.

Em Schopenhauer, Nietzsche encontrou o modelo de mestre, um exemplo de pensador que havia mantido a coerência entre vida e obra, para Nietzsche: “O exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente por livros”. (NIETZSCHE, 2004, p. 150). A educação aconteceria nessa perspectiva, a partir do modelo de vida fornecido pelo mestre e não pela

simples transmissão de conhecimento. Schopenhauer, assim como Nietzsche, se colocou contra os valores de sua época, não admitindo que os objetivos essenciais da cultura fossem determinados por valores contrários a ela, sejam os interesses utilitários do mercado ou os do Estado.

Nietzsche recomenda aos que querem se educar que procurem um modelo para imitar. No entanto, devemos atentar para o tipo de imitação proposto por nosso filósofo. A imitação a que Nietzsche se refere não é a mesma dos “filisteus da cultura⁴”, ela é ativa, deliberada, construtiva. Não se trata de repetir passivamente um modelo, mas de encontrar o que tornou possível a sua criação. Provoca no educando a descoberta de suas próprias potencialidades através do contato com o mestre, aprofundando suas forças e construindo sua autonomia pela imitação criadora. Na proposta nietzschiana, o mestre deve sempre desejar que o educando possa superá-lo.

3.1 Nietzsche e a pedagogia contemporânea

Nietzsche não vê a educação como um preparo técnico científico, como se teve na tradição iluminista, e não vê a escola como estrutura burocrática, administrativa e gerencial. Podemos perceber o quanto essa concepção de Nietzsche influenciou a pedagogia contemporânea a partir da crítica elaborada por Paulo Freire na sua obra “Pedagogia da Autonomia”, sobre o ideal de uma educação bancária, que foi pautada na concepção de que ensinar se resume a transferir conhecimento; “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 2008, p.47).

Na concepção “bancária” de educação, os homens são vistos como seres da adaptação, do ajustamento, limitados a uma postura passiva que, ao invés de transformar, conduz a adaptar-se ao mundo e a realidade que lhes é apresentada através dos “depósitos” efetuados em sua formação. Freire defende que a libertação autêntica, que corresponde ao processo de humanização, não é uma coisa que se deposita nos homens. É práxis, que implica na reflexão e na ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

A educação assim, não pode fundamentar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo; mas sim na capacidade de problematização dos homens em suas relações com o mundo.

⁴ Representam o contrário dos homens verdadeiramente cultos. Incapazes de criar, limitam-se à imitação e ao consumo.

Para Freire a educação é um encontro entre interlocutores que buscam atribuir significação à sua realidade, vivenciando, através das práxis, o poder da transformação.

Podemos perceber que na proposta pedagógica de Nietzsche existe o desejo de que a escola forme artistas e não cientistas e técnicos, já que o artista vive a expressão de sua sensibilidade vital, a criação, não a partir de critérios racionais, mas pela capacidade de expressar a partir da pulsão de suas próprias forças.

Nessa nova proposta de educação e cultura, observaremos o cultivo de si como um adestramento em oposição à domesticação. Educar é fazer despertar os sentidos para a elevação da cultura, é esforço de criação. A finalidade do adestramento não é um indivíduo massificado, fabricado em série ou, adaptado às condições do meio, “[...] mas um ser autônomo, forte, capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo, sem recorrer a qualquer instância autoritária”. (DIAS, 1991, p. 86). Tem-se nessa perspectiva alguém que se atreve a ser ele mesmo, este alguém se destaca do homem comum, e será capaz de agir voltado para o futuro, e não apenas para a sociedade existente.

Nietzsche fala na primeira parte do livro “Assim falou Zaratrusta” nas três transmutações do espírito, isto é, metamorfoses, Nietzsche trata-as como estágios que o espírito tem que superar para conseguir transformar-se em dono de si mesmo, dono da própria vontade, onde o espírito se desfaz de tudo que é dogma e começa algo novo, diferente, não mais com a visão comum e sim com uma nova concepção de mundo. Assim, deve ser a educação pra Nietzsche.

A transmutação do espírito se dá, segundo Nietzsche, em três etapas: “três metamorfoses, nomeio-vos, do espírito: como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 2005, p. 51).

Na primeira etapa o espírito se torna camelo. O camelo é um animal de carga, pronto para ser escravizado, nunca será rebelde. Ele jamais consegue dizer um “não”, é um crente, um seguidor fervoroso, um escravo fiel. Este pode ser considerado o mais baixo nível da consciência humana. O camelo tem sempre a necessidade de alguém para lhe conduzir e lhe dizer: “tu deves fazer isso”. Segundo Nietzsche, ele precisa de todas as religiões, de todos os sacerdotes e de todas as escrituras sagradas, porque ele não pode confiar em si mesmo; não tem coragem, não tem alma e nem qualquer desejo de ser livre, enfim é obediente.

Nessa perspectiva, a humanidade, carregada, tem seu primeiro obstáculo a superar: precisa morrer. A morte do homem é o esvaziamento de uma noção de vida presa aos

rebanhos, à aglutinação de uma razão preponderante, a hipocrisia e repressão da democracia, a educação que se inspira nesses valores e formam homens para dizer não para a vida. Educar o homem para ser escravo é cortar suas mãos e seus pés, arrancar-lhe os tímpanos, furar-lhe os olhos, queimar sua pele em caldeirão escaldante, arrancar pela raiz sua língua e impregnar seu nariz de amônia até que mesmo as flores cheirem a este pó. Tudo em nome de um ideal de razão e uma ideia de bem.

Na segunda etapa, o camelo se torna leão. O leão representa a revolução e essa revolução tem início com um sagrado não. O leão anseia por liberdade, ele deseja destruir todos os aprisionamentos. Ele não tem a necessidade de líderes, ele é suficiente em si mesmo. Não permitirá que ninguém lhe diga: “tu deves”, isso é um insulto ao seu orgulho. Ele só pode dizer: “eu quero”. Enfim, o leão representa a responsabilidade e o grande esforço para livrar o espírito de tudo que o aprisiona. Mas, mesmo assim, o leão ainda, não pode ser considerado como o mais alto pico do crescimento humano. “Criar novos valores – isso também o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações - isso a pujança do leão pode fazer” (NIETZSCHE, 2005, p. 52). Portanto, será preciso esperar, além do leão no qual se encara toda superioridade, uma terceira metamorfose do espírito em criança.

Assim, na terceira e última etapa, o leão se torna uma criança. A criança representa o recomeço, a inocência, o mais alto nível da evolução, no que diz respeito à consciência. No entanto, devemos atentar para o fato da criança ser apenas um símbolo, não significa que as crianças sejam o mais elevado estado do ser. O que Nietzsche quer evidenciar nessa metáfora é o fato da criança não ser obediência e nem não obediência; não é crença e nem descrença, mas, confiança; é um sagrado dizer “sim” à existência e a vida e a tudo que ela contém. A criança é o auge da pureza, da sinceridade, da autenticidade, da receptividade, da abertura à existência e da aprendizagem.

Nietzsche, longe de postular técnicas pedagógicas ou formulas educativas, propõe um alto ideal de formação, de auto formação. Ele iniciou um caminho, na história do pensamento ocidental, que indica uma pedagogia da afirmação da existência, um caminho da superação, para um homem que se constrói e que dá sentido à vida. Nietzsche apresenta a possibilidade de se cultivar uma nova cultura, que tenha como pressuposto uma forma de vida que prime pela “elevação do homem” e não pela submissão, pela passividade. Nietzsche propõe a ideia de um tipo superior de homem: o *übermensch*, o homem com valores nobres, o homem que tem o poder de criar seus próprios valores, pois este, vira o único ser afirmador e criador.

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem - uma corda sobre o abismo [...] o que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma transição e um ocaso. (NIETZSCHE, 2005, p.38).

Este homem verdadeiramente grande e superior deverá ser capaz de voluntariamente, ir ao encontro de seu abismo (abgrund), com coragem deve atravessar em direção à outra margem. Superando assim, a si próprio, e ao mesmo tempo, todos os valores que constituem uma moral niilista, decadente e sem estilo, que caracterizava a civilização ocidental. O atributo indispensável desse super-homem deve ser a capacidade de auto superação e a superação dos antigos valores do platonismo e da religião cristã. Esse super-homem representaria segundo Nietzsche, a reabilitação da vida, o verdadeiro sentido da educação.

4. NIETZSCHE E OS IMPASSES DA NOSSA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, tentaremos, esboçar uma análise crítica sobre a educação que está sendo oferecida em nosso país, mas especificamente no Estado da Paraíba, onde trabalhamos, no que concerne ao caminho traçado e trilhado por todos nós professores e por todos os estudantes, tanto da rede pública como na rede particular. A partir dessa análise, reforçada pela nossa experiência de educador, evidenciaremos como problemas vivenciados e percebidos hoje em nosso sistema educacional confirmam que Nietzsche ainda é um bom guia para se pensar a educação.

O pensamento que buscamos, não se alinha a nenhuma política educacional, de transformações legais. Pelo menos, não nesse momento. É necessário que pensemos antes no que estamos chamando de educação.

Considerando-se que educação é uma “aprendizagem que leva à integração social ou ao ajustamento social” (MAIA, 2000, p. 7), percebemos claramente que tal objetivo não vem sendo alcançado, pois, “o que atualmente chamamos educação é um processo consistente em acumular informações e conhecimentos, tirados dos livros, e isso qualquer um que saiba ler pode conseguir” (KRISHNAMURTI, 1989, p. 15).

Temos um sistema educacional quase todo voltado para os interesses do mercado, quase não há espaço para o pensar crítico e criativo e, menos ainda, para o desenvolvimento de habilidades sociais que serão tão necessárias na vida cotidiana tais como: reconhecer as próprias emoções; ser tolerante às frustrações da vida; saber controlar os impulsos; ser capaz de adotar a perspectiva do outro; saber ouvir; saber solucionar conflitos e negociar desacordos; ser mais atencioso; saber partilhar e cooperar.

Na correria da vida moderna, para muitos educadores e até para muitos pais, falar de desenvolvimento de habilidades sociais soará como uma terrível perda de tempo. Ou seja, de certa forma, o que é oferecido aos nossos jovens através do nosso sistema educacional está coerente com as aspirações da maioria dos pais que oferecem seus filhos para serem moldados de acordo com os interesses de manutenção do sistema político, social e econômico vigente em que predominam a competição e a desigualdade social.

Limitamos educação à instrução, esquecendo que está deve ser apenas, uma parte da primeira. O informar o cérebro é importante, mas, não tão importante quanto formar o coração. Não resta dúvidas que, no mundo atual precisamos de pessoas inteligentes, mas, que sejam também virtuosas, pois, grande parte das desigualdades sociais que enfrentamos hoje,

com certeza, foi provocada e é mantida por pessoas que passaram vários anos de suas vidas em colégios e, em sua maioria, até faculdades, mas, que ainda não aprenderam a respeitar os direitos dos outros.

O engenheiro que coloca areia da praia no material com que se construirá um prédio (no caso do edifício Barra Palace I, no Rio de Janeiro) enfraquecendo a estrutura do mesmo e pondo em risco a vida de centenas de pessoas, o professor que oferece uma aula de péssima qualidade alegando que “ganha pouco para se estressar”, o comerciante que só emite o cupom fiscal se você pedir, o advogado que aceita defender um traficante de drogas responsável por inúmeros homicídios alegando que ele é “uma vítima da sociedade”. Todos agem com consciência de causa. Todos sabem o que estão fazendo. Receberam da sociedade um bom grau de instrução, mas, ainda necessitam de valores mais elevados, que nos permitam dizer que vivem na sociedade, mas, não estão verdadeiramente ajustados à mesma. Podemos dizer que, estão instruídos, mas, não verdadeiramente educados. Podem até ser considerados como cultos, mas, não podemos dizer que são íntegros.

Partindo dessa linha de raciocínio, podemos considerar que a educação que temos hoje é uma educação de qualidade? Ela contribui para uma formação integral humana? Ela proporciona ao estudante uma preparação para a vida?

Com certeza, queremos uma educação de qualidade. Mas, mesmo os grandes educadores nos parecem por vezes se afastar da questão da finalidade de uma educação, o que determinaria de imediato uma mudança na concepção que temos do conceito “educação de qualidade” e conseqüentemente uma mudança nas nossas práticas educacionais. Hoje, percebemos uma busca exacerbada pela universalização da educação. No Brasil, praticamente tosa as crianças e jovens frequentam a escola. É um direito delas e um dever do País e do Estado.

Mas qual é o pensamento que leva a isso? Podemos dizer que é um pensamento bastante utilitarista. É a teoria do “capital humano”, melhorando a educação, conseqüentemente, melhora-se a qualidade de vida das pessoas. A educação assume o valor de um “passaporte” para a ascensão social.

4.1 Educação e massificação

Ora, se seguirmos a linha de raciocínio proposta por Nietzsche nos primeiros capítulos desse trabalho, podemos crer que esse pensamento que ainda hoje permeia entre os nossos

educadores, significa que, “quem se educa” é mais capaz de servir ao mercado, ao capital. A Educação é um degrau social. Educar-se nesse sentido é aprender, é adestrar-se dentro da sociedade e para a sociedade. A educação serve para a manutenção da ordem, caminha no sentido do progresso. Por isso, aqui a preocupação é quantitativa. Formam-se massas para defender os interesses do Estado. A quantidade, o número é o critério de excelência da educação em nosso país.

Tamanha contradição só é possível dentro de um modelo extremamente utilitarista. Educar-se para melhor adaptar-se às nefastas condições externas impostas ao ser humano. Esse modelo de educação reforça os mecanismos de poder que criaram tais condições e ilude afirmando que a educação é o passaporte para se libertar delas. As escolas com seus sistemas de avaliação que nada dizem, critérios acadêmicos numéricos, vazios de vida, contribuem para a manutenção desses mecanismos de poder e tentativas de controle sobre nossas vidas.

“A grande verdade” aprendida nos bancos das escolas não representa nada de certo: que o bom aluno, que a excelência escolar é garantia de um bom desempenho na vida. A não ser que entendamos viver bem como ganhar mais dinheiro, por exemplo.

Rubem Alves, filósofo-educador, conta em uma de suas crônicas o relato de um professor da Faculdade de Medicina da UNICAMP que por ocasião do vestibular falou:

Pena. Muitos dos que vão passar com as maiores notas não conseguirão ser bons médicos. Uma inteligência que foi treinada para descobrir uma resposta certa entre cinco, dificilmente consegue lidar com os problemas da clínica médica. A vida não é vestibular. (ALVES, 2002).

Temos nessa educação, classificatória, acumulativa, de conteúdos curriculares algo que não consegue estabelecer nenhuma conexão com a vida e nem entre eles mesmos. É uma educação fragmentada em saberes estanques que acaba por destruir, aleijar a verdadeira inteligência humana. A criatividade se vê reprimida pela repetição, a singularidade morre em detrimento da média. Onde fica a individualidade nesse sistema?

Uma alternativa seria a não-adaptação. Uma educação libertadora que possibilitasse ao homem não perder o contato consigo mesmo, isto é, não perder seu contorno próprio para cair na vulgarização de ser um bom cidadão. Acreditamos, assim como o nosso filósofo Nietzsche, que o encontro com a vida não pode se dar servindo a outrem. A vida é única e viver só tem sentido no encontro com a singularidade.

Hoje, vemos processos educacionais que em geral se pautam pela média, a singularidade é sufocada. Esse processo educativo é nitidamente quantitativo. Não somente porque a preocupação é se todos estão tendo acesso à educação, mas também porque se

preocupa com quantos anos passamos na escola, quanto aprendemos, se temos média suficiente para passar de fase. Esse modelo de educação, ainda que maquiado com belas palavras e defendido por verdadeiros amantes da cultura, não se deu conta de que a verdadeira questão não é se educamos todos ou uma minoria de privilegiados. Não existem privilegiados quando a proposta defendida mata a vida.

Os problemas da educação tal como estão sendo largamente difundidos hoje, não devem se prender somente a questões mecânicas do sistema. A didática, a falta de computadores, a falta de dinheiro, as grades curriculares. Pois, conteúdos mudam, computadores são conquistas muito recentes para as escolas, a falta de dinheiro se alinha à complexidade das demais variáveis sociais.

Acreditamos que o problema central da educação consiste muito mais na capacidade de ensinar o “aprender a pensar”. E isso é o que menos se está fazendo, e na maioria das vezes nem se tentando, porque os alunos gastam todo seu tempo tentando aprender o que os outros já aprenderam antes deles. E ao aprender isso, guardam para descarregar numa prova ao fim do ano e depois, automaticamente, esquecem de tudo. Enquanto escolas e professores tiverem enfiando conteúdos, enchendo os arquivos humanos de conceitos, de sentidos que não vão encontrar em lugar nenhum no mundo, mas somente e tão somente nas provas, o ser humano continuará a “vomitar” esses conhecimentos unicamente para se livrar deles, ficando felizes quando essa etapa da realização das provas acabar e assim ele puder esquecer o que estudou.

Sabedores que somos de que, o único conhecimento de que nos apropriamos de fato é aquele que construímos, que nos serve e que nos liberta, podemos concluir que, as críticas realizadas por Nietzsche lá na segunda metade do Século XIX, se mantêm vivas hoje, o que só reforça a necessidade de se utilizar o filósofo, como um guia, para se pensar a educação no contexto atual.

Em alguns pontos, nota-se claramente, que há um consenso nas escolas e instituições educacionais de nosso tempo que, nos capítulos anteriores do nosso trabalho, foram apresentados por Nietzsche na segunda metade do Século XIX, o que nos leva a crer que, em alguns aspectos, muito pouca coisa mudou. Basta um passar de olhos, para que isso fique evidente:

a) A busca permanente pela especialização, o que afasta bruscamente os seres humanos de uma educação mais completa, privando de uma certa forma, porque não dizer violenta, o acesso desses alunos ao conhecimento mais completo. Podemos considerar que, as ideias e práticas utilizadas hoje, como antes também, desconsideram a complexidade que a

condição humana atingiu na contemporaneidade, ideias essas que obscurecem a importância de uma formação ampla e integral do homem, de forma a levá-lo a questionar e inquirir a si próprio e o mundo que o cerca;

b) A corrida frenética por resultados satisfatórios nos vestibulares mais concorridos, nos parece ser um dos pilares mais sólidos da educação oferecida às nossas crianças e jovens, começando desde muito cedo, desde a mais tenra idade, especialmente na rede particular de ensino. Temos como exemplo, a Prova Brasil, ENEM, ENADE, Provinha Brasil e o IDEB, que resumem a educação apenas à números, e nisso reside um grande problema, pois, o foco desses tipos de avaliação é sempre o produto, o resultado. A qualidade é deixada de lado, pois eles não legitimam a autonomia pedagógica, não partem do real e sim apenas do desejado e ainda ignoram os índices de aprendizagem. Atingidas essas metas, o aluno supostamente, estará apto para ingressar no tão concorrido mercado de trabalho;

O que os burocratas pressupõem sem pensar é que os alunos ganham uma boa educação se aprendem os conteúdos dos programas oficiais. E para testar a qualidade se criam mecanismos, provas, avaliações, acrescidos dos novos exames elaborados pelo Ministério da Educação. (ALVES, 2002, p. 31)

c) Outro fator comum é a indução de não termos pensamentos próprios, o ser humano é transformado em um banco de dados das ideias alheias. Isso é bem comum no ensino superior brasileiro, onde a ideia de pensar criticamente é confundida, por exemplo, com uma atividade mecânica em que se ensina os alunos a reproduzirem conteúdos, ou seja, tecerem comentários sobre autores e identificarem e exporem aspectos positivos e negativos daquilo que se lê. Nessa atividade, os alunos são ensinados a utilizarem um estilo linguístico baseado em padrões de formalidade gramatical, mas sem saberem de fato as razões pelas quais se concorda ou discorda das posições que se lê. O próprio uso dessas técnicas estilísticas formais é feito de forma mecânica pelo aluno, que não sabe qual a finalidade, ficando apenas o conhecimento de que são melhores ou superiores ao padrão da língua portuguesa brasileira considerada “não culta”.

“Será que o pensamento de Nietzsche pode ser usado hoje, como um instrumento para se pensar a educação? Será que seu exemplo ainda pode servir para nos educar e, conseqüentemente, educar a quem educamos? ” (DIAS, 1991, p. 114)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de educação como formação de um homem superior, de vontade livre e criadora é fundamental na filosofia de Nietzsche, ele propõe a superação de todos os valores amesquinhadores, que negam a existência humana, ou seja, reduzem os sentidos e o poder criador do homem à condição de inferioridade, em prol de uma vida eterna. É nesse sentido que podemos pensar uma filosofia da educação em Nietzsche.

Analisamos alguns pontos fundamentais para compreender a proposta de nosso filósofo para a formação de um homem superior. O estudo partiu das primeiras obras do autor, nas quais ele expõe suas primeiras considerações acerca da formação do homem. Perceberemos que, os conceitos trabalhados por Nietzsche desde os primeiros escritos perpassam toda a sua obra, ou seja, não é possível desenvolver um estudo na perspectiva da educação em Nietzsche sem recorrer a textos pertencentes às diferentes fases da obra do autor. O que evidencia que a concepção de educação em Nietzsche é constantemente retomada por ele, ao longo de sua obra, uma vez que ao tratar da superação dos valores, que pressupõe a criação de novos valores ele discute a importância da educação nesse processo.

Nesse sentido não podemos entender a filosofia de Nietzsche como uma crítica destruidora, que não contribui com a formação humana e que não apresenta nenhuma proposta para a superação do objeto de sua crítica, a cultura moderna. Pelo contrário, Nietzsche expõe seu projeto de educação, isto é, a formação de uma cultura que valorize a existência humana.

Para Nietzsche, a educação deveria possibilitar os sujeitos a formarem-se a si mesmos e contra si mesmos, por meio da criação de novos hábitos que lhes permitiria se desfazer dos hábitos adquiridos ainda nos primeiros contatos com os outros homens, na infância. Para Nietzsche, estes são os mais difíceis de serem modificados, pois são os valores passados pela tradição e que são incutidos ainda na primeira infância, junto com o aprendizado da língua materna. Desta forma, acreditamos que seja necessária a desconstrução daquilo que foi incutido como verdade eterna, aquilo que nos foi imposto especialmente pela memória como correto, ideal, verdadeiro. É necessário esquecer essas verdades fixas, engessadas em prol do cultivo da força plástica promovida pela vivificação dos fatos já ocorridos e, pelo cultivo do que há de mais original em cada um de nós e que se transforma a todo momento nas relações construídas.

Na perspectiva de Nietzsche, educar-se só tem sentido se for um aprendizado voltado para vida. Quando valorizamos a vida no presente, derrubamos valores do vir a ter, do individualismo, do egoísmo, do consumismo. É nesse sentido que acreditamos ser possível se pensar numa educação que promova o desenvolvimento humano. Se a educação caminhar nesse sentido, onde as necessidades vitais de cada um aparecem, ao invés de se valorizar as necessidades das leis do mercado, caminharemos para a construção de uma cultura verdadeira, pois os saberes darão frutos em ações e obras vivas.

Nietzsche não apresenta a fórmula para se construir essa educação, uma vez que ele próprio advertiu que seu filosofar não poderia ser tomado como modelo educacional, mas aponta para um caminho que, com certeza, alimentará as nossas esperanças de encontrar algo que possa, segundo nosso pensador, ser “imitado criativamente” pelos educadores e pelos educadores dos educadores. Precisamos inibir o “instinto do saber”, para que seja possível que desenvolvamos, com muita paciência, a capacidade de cada um pensar por si mesmo. Pensar numa educação de qualidade é pensar numa educação que nos possibilite ensinar aprender a pensar.

REFERÊNCIAS

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche Educador**. Série Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 1991.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Ed. 7. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

_____. **"Qualidade em educação"**. Crônica publicada no Sapere Audare, 8 de setembro de 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Ed especial. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MAIA, Nelly Aleotti. **Introdução à educação moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ/CECH, 2000.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida**. Tradução por Hugo Veloso. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio, São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mário da Silva. Ed. 13. São Paulo: civilização Brasileira, 2005.

_____. **Obras incompletas vol. II**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

_____. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.